

FEUERBACH: O CORPO E SUAS EXPRESSÕES

Rafael Werner Lopes¹

Resumo: O presente texto procura apresentar a compreensão feuerbachiana acerca das teorias espiritualistas e materialistas enquanto emanam do dualismo como um pressuposto teórico não examinado. Essas perspectivas estão fundadas na forma como o ser humano concebe o corpo e estabelece o sentido de sua existência. De um lado, o corpo é rechaçado em decorrência de sua finitude impedir a realização do desejo de imortalidade. Por outro lado, o corpo é concebido como realidade puramente física, negando-lhe qualquer expressão não física como parte de suas possíveis expressões. A antropologia feuerbachiana procura ir para além dessas teorias e abrir terreno a uma nova forma de filosofar.

Palavras-chave: espiritualismo, materialismo, dualismo, corpo.

Abstract: The present text tries to present / display the Feuerbachian understanding on the spiritualistic and materialistic theories while emanating of the dualism like a theoretical presupposition not examined. These perspectives are grounded in the way the human being conceives the body and establishes the meaning of its existence. On the one hand, the body is rejected because of its finitude to prevent the realization of the desire for immortality. On the other hand, the body is conceived as a purely physical reality, denying it any non-physical expression as part of its possible expressions. The feuerbachian anthropology tries to go beyond these theories and to open land to a new form of philosophizing.

Key words: spiritualism, materialism, dualism, body.

¹ Doutor em Filosofia, Professor do curso de Graduação em Filosofia da Faculdade IMED (Porto Alegre).

Se o espírito, no plano da consciência, determina o corpo em uma certa direção, nesta mesma direção o espírito é já determinado inconscientemente através do corpo.²

Filosofar é também ir para além de sistemas e teorias, é ousar pensar para além dos limites de constelações lógico-teóricas. Ao fornecer explicações sobre a escolha do título da obra *Über Spiritualismus und Materialismus, besonders in Beziehung auf die Willensfreiheit*³, Ludwig Feuerbach procura orientar seu leitor a reconhecer tão somente impressões acerca de uma temática que oferece a possibilidade de debates que excedem suas pretensões filosóficas. Essa observação dirige nosso olhar a uma forma de desenvolvimento filosófico que se caracteriza pela palavra inconclusa, por uma forma não reducionista, que não visa o enclausuramento do pensar em definições e sistemas. A observação preambular do texto expressa o objetivo de considerar o exercício filosófico como um fazer aberto a infinitas possibilidades de interpretação.

O texto feuerbachiano afirma que a liberdade do querer, assim como a divindade e a imortalidade (já que existem em livros e imagens, na fé e na representação⁴), é fenômeno humano. Ao reconhecer esses fenômenos que perfazem a existência, o autor procura apontar para o sentido e o motivo dessas experiências. O interesse pelo tema da liberdade do querer, a busca de sua significação genético-psicológica⁵, aponta para o reconhecimento dos limites dentro dos quais ela ocorre na vida humana, buscando seu significado, seu uso e suas possíveis motivações originais.

A atmosfera na qual se desenlaça a escrita de *Spiritualismus und Materialismus* torna possível compreender que a frustração diante da incapacidade de realizar o desejo de imortalidade levou o ser humano a estabelecer desvios teóricos, através da religião e da filosofia, para superar a realidade imposta pela finitude. Esses desvios aparecem como excessos e terminam por marginalizar o corpo e a sensibilidade. Para fugir de seu inevitável destino, o ser humano passou a ser compreendido, em sua essência, como algo distinto da natureza. E, na superação de sua finitude, condicionou sua felicidade. Assim, de um lado, nossa existência está marcada por uma história de rechaço do elemento corporal e afirmação

² GW X, 196-7, 163.

³ As obras de Feuerbach são citadas pelas *Gesammelte Werke*, a edição crítica, coordenada por Werner Schuffenhauer desde 1967, identificadas pela sigla GW. O texto *Über Spiritualismus und Materialismus, besonders in Beziehung auf die Willensfreiheit* será indicado pela abreviatura *Spirit. und Mat.*

⁴ GW XI, *Spirit. und Mat.* p. 53.

⁵ HIDALGO, F. M. L. A. *Feuerbach, filósofo moral*. Una ética no-imperativa para el hombre de hoy. Murcia: Servicio de Publicaciones, Universidad, 1997, p. 189.

da alma como algo dele diverso. Na filosofia moderna parece não haver um substancial reconhecimento dos direitos do corpo e, em geral, da imediatez sensível. De outro lado, é possível encontrar, também, uma compreensão reducionista que nega a realidade não física como uma possível expressão corpórea. Trata-se, então, segundo Feuerbach, da disputa entre as visões espiritualista e materialista. O exame crítico dessas visões descortinará o dualismo como ponto de partida de um saber radicalmente fundado na forma como encaramos o corpo.

O dualismo é um pressuposto não examinado que determina qualquer direção teórica a erros possíveis. A gênese dessa perspectiva dualista é um preconceito clássico acerca do corpo. Ao examinar as perspectivas do espiritualismo e do materialismo, Feuerbach coloca-se criticamente em relação às duas noções. Nesse sentido, as duas teorias parecem expressões da tentativa de solucionar o problema corpo-alma. Enquanto o espiritualismo nega o corpo, o materialismo forma dele uma compreensão empobrecida, negando o espiritual como expressão corporal. Dessa forma, o pensamento feuerbachiano tenta construir uma concepção renovada de ser humano, reconciliando-o com seus limites marcados pelo corpo e pela sensibilidade. Em lugar do corpo do direito (*corpus juris*), Feuerbach conclama o *jus corporis*, o direito do corpo.⁶ Essa inversão de palavras acentua a intenção de fazer da filosofia um exercício de resgate do corpo, de resgate da natureza e da sensibilidade, pontos desde os quais a cultura filosófica há tempos parece ter se desacoplado. Então, uma outra visão antropológica poderá constituir o projeto de uma nova filosofia, numa imagem de ser humano integral, formado pela unidade de corpo e alma, numa perspectiva ao mesmo tempo natural e humana.

O presente texto procura explorar a forma como Feuerbach concebe as perspectivas espiritualista e materialista, estabelecendo um posicionamento crítico que termina por gerar sua perspectiva antropológica renovada e ampliada no horizonte de uma nova filosofia. A investigação dessa temática parece descortinar o dualismo como um pressuposto teórico não examinado que alimenta ambas as perspectivas, e que tem sua origem na forma como lidamos com o sentido da existência humana diante da realidade imposta pelo corpo.

Espiritualismo: desvinculação corporal

Como seria feliz o homem, se a sua vontade não fosse uma força imanente ao seu organismo, mas transcendente, isto é, supranatural e ultracorporea, não ligada a qualquer matéria, e por consequência nem mesmo à matéria médica!⁷

⁶ GW XI, *Spirit. und Mat.*, p. 167.

⁷ GW XI, *Spirit. und Mat.*, p.170.

Os excessos reducionistas das concepções espiritualista e materialista, a saber, as ideias de uma alma independente e de um corpo sem expressão espiritual, serão mitigados no pensamento feuerbachiano. O pensar, que há tempos deixou de realizar sua função própria, a saber, examinar a vida, aparece como sintoma de uma cultura decadente transformada em mera reprodução de sistemas e pensadores. Desde o pensamento antigo, encontramos uma ideia de condenação do corpo como prisão da alma. Na esteira de argumentos que tentam provar que a essência humana é algo metafísico, independente e autônomo em relação ao mundo natural, o corpo parece representar limites, e não possibilidades ao ser humano. Dessa maneira, o espiritualismo se expressa como a doutrina segundo a qual a atividade espiritual do ser humano, o pensar e o querer, e para muitos o próprio sentir, teria o seu fundamento em uma essência diversa e independente do corpo.⁸ Essas características são pressupostas para a capacidade de uma existência sem o corpo.⁹ Então, a não corporeidade é condição para que seja possível a imortalidade.¹⁰

Feuerbach afirma que o pensamento humano se movimenta desde um interesse prático-religioso que está baseado no desejo de imortalidade. O espiritualismo se expressa como doutrina psicológica que se define e organiza por uma concepção de vida diversa, que está para além do presente. Segundo o autor, essa doutrina parte da ideia de que a alma é pensada num corpo sem corporeidade para continuar a existir sem corpo depois da morte. A respeito das múltiplas variações que podem ser encontradas sob a ideia do espiritualismo, afirma que sua intenção fundamental, presente em todas as formas possíveis, não é a união da alma com o corpo, mas sua separação.¹¹ E o desejo de separação parece expressar a incapacidade para lidar com a marca fundamental da existência humana, a saber, a finitude. Então, nos porões do espiritualismo está a realidade imposta pela finitude do corpo que impede a realização do desejo de imortalidade. Assim, o pressuposto dualista viabiliza uma teoria da imortalidade. E, nessa busca, o ser humano se afasta de sua identificação corporal. A ideia de uma vida independente da morte é a matriz de uma essência distinta do corpo. O corpo precisa ser negado porque representa a impossibilidade de realização desse desejo, porque exige o abandono deste e uma negociação com a realidade. Mas “Quanto mal estar

⁸ GW XI, *Spirit. und Mat.*, p. 127.

⁹ GW XI, *Spirit. und Mat.*, p. 127.

¹⁰ GW XI, *Spirit. und Mat.*, p. 129.

¹¹ GW XI, *Spirit. und Mat.*, p. 129.

não só físico, mas também espiritual, moral, deriva da falta desta autoconsciência corporal!”¹² Essa negociação entre desejo e realidade levaria a uma transformação antropológica oriunda do deslocamento de sentido da existência humana.

A gênese desse comportamento prático-salvífico alimentou diferentes variações do espiritualismo, e já pode ser encontrada no pensamento platônico, com a ideia de preexistência da alma à forma humana, com a afirmação de sua independência, intelecto e discernimento.¹³ As variações possíveis dessa perspectiva envolvem, entre outras, as seguintes noções apresentadas por Feuerbach: a ideia de que não pode haver sensação sem corpo, mas o intelecto é separado dele¹⁴; a ideia de que o pensar é uma atividade espiritual que não pode, portanto, ser exercitada através de órgãos corpóreos¹⁵ (tornando-se, por isso, uma atividade por si mesmo, à qual o corpo não pode tomar parte); a ideia de que é certo que o eu é distinto do corpo e pode existir sem ele; a possibilidade de se reconhecer a coligação de corpo e espírito, mas a este é garantida a capacidade de viver sem o corpo¹⁶; a ideia de que o espírito aparece como raiz do querer, sem mistura com a matéria¹⁷; a ideia de que a alma humana se difere da alma animal, pois aquela pode existir depois da morte fora da matéria, e pode operar fora desta na atividade do conhecer e do querer.¹⁸ Segundo o filósofo, o espiritualismo chega a afirmar que a alma teria um corpo mesmo depois da morte, ao menos um corpo mais sutil.¹⁹

A fuga da realidade corpórea é o pressuposto de uma possível compreensão da promessa de imortalidade. Então, o desejo de imortalidade, ao esbarrar na realidade marcada pela experiência penosa da finitude, gera um sentimento de frustração que, em sua insuportabilidade, está na base de um triunfo maníaco em relação ao corpo, expressando-se na forma de uma ilusão acerca do sentido da existência humana. Nessa conquista fantástica do sentido metafísico e supranatural da humanidade, as noções de felicidade e liberdade se desvincularam da experiência de prazer sensível, corporal. Na perspectiva espiritualista, o corpo aparece como desafio à ética. Um desafio que exige autocontrole frente às tentações e

¹² GW XI, *Spirit. und Mat.*, p. 113.

¹³ GW XI, *Spirit. und Mat.*, p. 128; Cf. PLATÃO. Fédon, 76c.

¹⁴ Feuerbach afirma que tal ideia pertence à influência do pensamento aristotélico. GW XI, *Spirit. und Mat.*, p. 127-128.

¹⁵ GW XI, *Spirit. und Mat.*, p. 128. Cf. T. de Aquino, *Summa*, I, q. 76, art. 1, ad 1m, ad 4m.

¹⁶ Feuerbach também apresenta a perspectiva de Adriaan Heereboord, para quem a alma não depende do corpo como origem, nem por sua existência e nem para sua ação. GW XI, *Spirit. und Mat.*, p. 127.

¹⁷ Faz referência ao *Animadversiones in decimum librum Diogenis Laertii, qui est de vita, moribus placitisque Epicuri* de Pierre Gassendi. GW XI, *Spirit. und Mat.*, p. 127.

¹⁸ Faz referência a Bonaventura Baron. GW XI, *Spirit. und Mat.*, p. 127.

¹⁹ GW XI, *Spirit. und Mat.*, p. 129. Faz referência a Israel Gottlieb Canz.

desvios que impedem uma vida ética. Assim, corpo e moralidade parecem andar em direções contrárias. Apenas a partir da dominação racional diante da realidade corporal é possível falar em um comportamento moral. Entretanto, segundo o texto feuerbachiano, corpo e alma não representam contradições, mas diferentes expressões de uma mesma realidade. Essa realidade é expressa como renovação antropológica, abrange o corpo, suas experiências sensíveis e o pensar em sua potência abstrata. Feuerbach estabelece um combate com o autocratismo e absolutismo psicológico e espiritualístico que defende a autonomia da alma sobre o corpo.

O reposicionamento filosófico diante da questão corpo-alma recusa suas contradições para se firmar como unidade que integra o material e o não material, desde a qual o espírito é corpo e o pensamento matéria, assim como a matéria pensa e o corpo é espírito. A alma está numa relação de interdependência com o corpo. Nessa relação é possível pensar a determinação corporal da alma, assim como é possível pensar uma determinação espiritual do corpo. Enquanto o corpo emerge espiritualmente, o espírito emerge corporalmente.

Materialismo: desvinculação espiritual

Ao mesmo tempo em que uma guinada materialista tem espaço, como contraponto ao espiritualismo presente na teologia e na filosofia idealista, Feuerbach é entusiasta dessa transformação e crítico de seu suposto excesso que acaba por culminar em um reducionismo. Para compreender essa posição crítica, é importante estabelecer um confronto entre o pensamento do autor e as perspectivas gerais do materialismo. A mesma posição crítica diante do espiritualismo não parece se repetir em relação ao materialismo, pois Feuerbach se aproxima deste ao mesmo tempo em que indica sua superação numa posição mais ampla, que abrange uma linguagem não reducionista.

Contra a ideia de que o materialismo tenha surgido das obras de d'Holbach ou Lamettrie, Feuerbach afirma que sua origem está numa perspectiva religiosa (Reforma), no interior da própria cultura alemã. Nesse sentido, o filósofo afirma que o materialismo “não é um filho bastardo do amor da ciência com o espírito estrangeiro; é alemão genuíno, que vê a luz do dia já na Reforma”.²⁰

Para compreendermos o cenário no qual ganha força a concepção materialista, é importante ter em conta que a experiência de fracasso da revolução (1848-1849) parece ter aberto espaço a uma mudança do cenário social-político, principalmente nos seguintes aspectos: o estabelecimento de uma posição hegemônica da monarquia prussiana sobre a

²⁰ GW XI, *Spirit. und Mat.*, p. 117.

Alemanha; a intensificação de um desenvolvimento econômico como resposta liberal às instâncias sociais; e o descrédito em relação ao idealismo que se ligou ao desenvolvimento de uma filosofia sobre a base de um saber científico alimentado pelas pesquisas na área da química, da física, da fisiologia e da psicologia experimental.²¹

Em sua fase inicial, a gênese do materialismo está exemplificada pelos médicos luteranos a serviço da fé eclesiástica. Dessa fase surge o materialismo tardio, influenciado pelas ciências e reduzido à matéria. Assim, de um materialismo intermediário, infantil, unido ao seu oposto, surge um materialismo completo, autônomo, viril.²² Entretanto, é dessa fase tardia do materialismo influenciado pelas ciências, e desvinculado da teologia, que o pensamento feuerbachiano emergirá em uma posição renovada e que ultrapassa o seu perímetro teórico.

O pensamento materialista pode ser compreendido desde sua gênese nas teorias espiritualistas, inicialmente vinculado à teologia, mas com seu desenvolvimento numa posição autônoma, desvinculado da metafísica tradicional. Esse movimento materialista é recebido com entusiasmo por Feuerbach. Mas o próprio materialismo apresenta excessos e se resolve numa posição reducionista que constrói uma interpretação do mundo e do ser humano como algo simplesmente objetivo e material. O filósofo é contra o materialismo que anula o ser humano no aquém. Diante de um materialismo radicalizado e circunscrito pelo material e objetivo, Feuerbach assume uma posição filosófico-antropológica renovada pelas noções de sensibilidade e subjetividade. Estes elementos compõem o cenário de uma filosofia que parte do espiritualismo, se reduz ao materialismo e se renova numa perspectiva humana.

O método genético-crítico de Feuerbach indica a Reforma como uma guinada no pensamento filosófico que levou ao estabelecimento de um acento antropológico contra a manutenção de uma perspectiva teológica. E o amor é a principal característica que impulsionou o materialismo. É nessa perspectiva que terá lugar a humanização e realização do amor divino como obra da Reforma.²³ A maneira como esse tema é representado na Reforma indica um modo de amor determinado, e não indeterminado. O amor é representado em sua forma mais íntima e humana, a saber, na forma do amor do pai pelo filho, do genitor pelos próprios filhos²⁴, e não de Deus pelo homem. Segundo o autor, o catolicismo divinizou o

²¹ CESA, C. *Introduzione a Feuerbach*. Bari: Laterza, 2003, p. 104.

²² GW XI, *Spirit. und Mat.*, p. 118.

²³ GW XI, *Spirit. und Mat.*, p. 116-117.

²⁴ Cita Paul Eber, pregador e teólogo, para desenvolver tema do amor dos genitores. GW XI, *Spirit. und Mat.*, p. 116

amor, mas não o humanizou.²⁵ E proclama: “Só no protestantismo aquilo que no catolicismo era exclusivamente uma imagem ou sacramento teológico se torna essência antropológica, isto é, verdade real, vivente”²⁶. Nesse sentido, afirma que a introdução do celibato é prova da fuga da humanização dos laços humanos entorno do tema do amor. Essa noção espiritualizada do amor considera a necessária fuga dos entraves sensíveis que um corpo pode sofrer, visto que este é um obstáculo ao desenvolvimento da essência humana. O amor teológico se afasta do corpo vivente, mas o “amor efetivo, verdadeiro, humano, é essencialmente patológico...”²⁷ A força do amor tem caráter de unificação, envolvimento, cuidado e afirmação da vida do eu e do tu. O amor real cuida do corpo do amado e cuida do próprio corpo por amor do amado. Segundo o filósofo, o amor real e fecundo não sabe nada do conflito entre corpo e alma, não sabe nada de uma psicologia separada da anatomia e da fisiologia. O amor se une com carne e sangue, demora no cérebro e no coração. Desde essa perspectiva, o amor restabelece os vínculos com o corpo e a natureza e se desenvolve na dinâmica das relações sensíveis entre os seres humanos.

O amor se expressa através de nosso corpo natural, e não na ideia de uma hóstia sacerdotal. Essa noção de humanização e naturalização da filosofia espiritualista, até sua transformação materialista, pode ser notada na forma como a concepção de alma aparece na obra de Paul Luther²⁸ (filho do reformador), para quem a alma é concebida como simples operação do cérebro²⁹. Essa referência é utilizada para confirmar a relação genealógica do materialismo com o protestantismo³⁰, para ilustrar a ideia de que o materialismo nasce na própria cultura alemã e é filho da teologia, filho do espiritualismo.

A obra de Feuerbach tem forte influência sobre o materialismo de pensadores como Moleschott e Büchner. A influência do pensamento feuerbachiano sobre os materialistas abrange diferentes questões, tais como a temática sujeito-objeto, a questão acerca da posição do homem no universo e o pensamento como instrumento de comunhão entre os homens. Essa tendência materialista representa um momento triunfante diante de um passado marcado pela visão metafísica que rechaça corpo e natureza para formar o sentido da existência humana. Esse momento representa uma importante guinada antropológica que ainda terá desdobramentos na obra de Feuerbach. O ateísmo feuerbachiano representa um retorno do

²⁵ GW XI, *Spirit. und Mat.*, p. 116.

²⁶ GW XI, *Spirit. und Mat.*, p. 116.

²⁷ GW XI, *Spirit. und Mat.*, p. 117.

²⁸ Paul Luther, filho de Martin Luther não se tornou um teólogo, mas um médico.

²⁹ GW XI, *Spirit. und Mat.*, p. 118.

³⁰ GW XI, *Spirit. und Mat.*, p. 118.

humano ao mundo natural e sensível, base desde a qual o materialismo ganhará forças para seu desenvolvimento. Entretanto, Feuerbach apresenta pistas de uma posição crítica, e, com isso, de um paulatino afastamento, diante da tentativa materialista de utilizar a química como fonte de explicações acerca da estrutura e funcionamento dos organismos. A orientação materialista, presente na Reforma, está na base de uma renovação da filosofia moderna pelo pensamento feuerbachiano, passando de um acento teológico para um antropológico, estabelecendo a sensibilidade como natureza do ser humano.

Embora o pensamento materialista represente uma importante guinada antropológica no pensamento filosófico, suas exposições podem apresentar limites para o estabelecimento de uma nova filosofia. Assim, a medicina é importante, visto que aponta para os aspectos materiais do ser humano, mas não pode se colocar como único sistema teórico acerca das coisas, e tampouco pode substituir o ponto de vista da vida. Feuerbach parece reconhecer a base materialista para compreender uma parte da realidade humana, mas dessa base parece construir o universo teórico em linguagem própria. Isto significa ir para além do materialismo, dar-lhe desenvolvimento e continuidade.

O reconhecimento do físico e sensível, o acolhimento da natureza e do corpo como constituintes do sentido e existência humana, deve ser a base desde a qual é possível desenvolver uma nova forma de filosofar. Mas esta base é o ponto de partida para a construção de uma nova antropologia. No entanto, Feuerbach indica limites na perspectiva materialista. É como se os materialistas trocassem o edifício por seu fundamento³¹, ou seja, como se toda investigação materialista deixasse de se desenvolver na antropologia para se fixar simplesmente às suas bases materiais. Isto significa que o pensamento feuerbachiano parece reposicionar o materialismo numa teoria aberta e em pleno desenvolvimento.

A visão unilateralizada advogada pelo materialismo, na qual o espírito depende do corpo, deve ser relativizada. Da crítica de tal posicionamento radical e reducionista, o corpo também será reconhecido em sua dependência em relação à alma. Embora não seja possível falar de uma contraposição nítida entre as posições teóricas de Feuerbach e os materialistas³², podemos encontrar traços de posições distintas que impediriam o enquadramento de Feuerbach como um autor simplesmente materialista.

Em linhas gerais, a tese materialista de que há uma continuidade entre a natureza inorgânica, os animais e o ser humano parece não apresentar uma tensão com a perspectiva

³¹ Cf. C. CESA, *Introduzione a Feuerbach*, p. 109.

³² C. CESA, *Introduzione a Feuerbach*, p. 106.

feuerbachiana. No entanto, Feuerbach fala que a natureza inorgânica é o fundamento da natureza subjetiva e orgânica. Isso parece significar um posicionamento diverso da homogeneidade de todos os seres, tal como apresenta a visão materialista.³³ Enquanto na química os elementos podem substituir-se uns aos outros, no ser humano os vínculos amorosos criam as ideias de individualidade e singularidade. Essa perspectiva torna um indivíduo insubstituível. Uma importante distinção entre o materialismo e o pensamento feuerbachiano também poderá ser encontrada na forma como as teorias se desenvolvem a partir da relação sujeito-objeto. Os materialistas buscavam uma base real para além do ânimo e do sentimento, vinculando-se à compreensão do objeto. Feuerbach, por sua vez, busca investigar a filosofia desde a perspectiva sentimental, colocando-se atento ao universo subjetivo. A distinção entre essas duas perspectivas pode ser compreendida, também, em termos de investigação acerca da história da natureza (materialistas) e da história da humanidade (Feuerbach)³⁴. A transformação do pensamento filosófico-metafísico numa perspectiva filosófico-antropológica tornaria possível que a alma pensante, na medida em que se identifica com o corpo, entre em conflito com a Igreja e a sua fé.³⁵

O materialismo pode cair num reducionismo teórico que vê o ser humano a partir de uma visão limitada com pretensões absolutas, isto é, que se impõe como sistema total que explica todas as coisas. Contra essa tendência de discurso totalitário, Feuerbach parece preferir uma teoria do órgão. A defesa dessa perspectiva pode ser compreendida em contraste com as teorias espiritualistas, para as quais o pensamento não tem a necessidade do órgão. Já na concepção orgânica e naturalista de Feuerbach, não pode haver atividade sem o órgão.

Para uma filosofia antropológica

O ser humano é determinado pela natureza, mas por sua natureza tem a faculdade de autodeterminação. Esta não significa autonomia em relação à natureza, não significa uma absoluta emancipação das necessidades físicas. Para conceber sua visão de ser humano, Feuerbach refere-se à ideia hipocrática de que não há espírito separado e independente do corpo³⁶. Não há contradição entre homem e natureza, mas oposição. O desenvolvimento da humanidade é realizado por vias dessa oposição que, no seio da natureza, carrega uma força que busca emancipação, e nesse ato surge a singular posição humana e sua tentativa de

³³ C. CESA, *Introduzione a Feuerbach*, p. 106.

³⁴ C. CESA, *Introduzione a Feuerbach*, p. 107.

³⁵ GW XI, *Spirit. und Mat.*, p. 118.

³⁶ GW XI, *Spirit. und Mat.*, p. 120.

compreensão como meta que deve ultrapassar o natural, subordinar o físico e rebaixar o material, fazendo da natureza uma realidade primitiva e um plano do qual a humanidade deve escapar para firmar sua própria identidade.

A realidade pode ser transformada pelo psíquico. Ocorrências corporais podem ter sua base psicogênica. Isso significa que o corpo pode ser uma base originária desde a qual ocorrem fenômenos psíquicos, e por conseguinte, desde a trama de um universo representado psiquicamente, torna-se possível que o corpo sofra suas determinações representativas.

A integralidade humana é formada por corpo e alma num tipo de trama indissolúvel e não homogênea. Nesse sentido, Feuerbach afirma que o substrato do sentir e do pensar não é uma unidade ou ser simples, mas um ser múltiplo, composto.³⁷ Um querer desvinculado do sistema nervoso e muscular é um desejo fantástico. O desenvolvimento da faculdade abstrativa tem sua condição na sensibilidade, e não depende desta a cada passo de sua itinerância, pois pode dela ampliar-se em uma dimensão teórica, mantendo, com ela, uma ligação originária. O físico é o pressuposto do pensamento, mas o pensar é a condição de possibilidade para a compreensão daquilo que se dá no corpo em termos físicos.

O texto feuerbachiano reivindica à filosofia o ponto de vista da sensibilidade e do desejo. O filosofar se desenvolve no pensamento, mas isto não significa que tem sua origem última nele. O filósofo, numa concepção idealista, começa com o pensamento, não pressupõe para si nada diferente deste. E do pensamento em si e por si faz uma atividade sem pressupostos.³⁸ Feuerbach afirma que a filosofia não deve começar de si, mas da não filosofia, da experiência. O filosofar tem seu início com a experiência, base desde a qual é possível reconhecer a intenção feuerbachiana de demonstrar a conexão existente entre pensamento e cérebro. A importância dessa noção se revelará na forma como o filósofo se ocupa da aproximação de filosofia e fisiologia. Essa relação pode ser encontrada já em Avicena, para quem a força sensível se radica no coração, mas se manifesta no cérebro.³⁹

A natureza é o pressuposto do corpo que torna possível a sensibilidade, assim como esta é o pressuposto de representações que alimentam o exercício filosófico. Nessa esteira, a palavra é expressão possível da sensibilidade que carrega suas marcas e registros da relação com o mundo. Aí se forma um conjunto de afetos que se transforma no universo simbólico do ser humano.

O reconhecimento de uma noção materialista como base para a concepção

³⁷ GW XI, *Spirit. und Mat.*, p. 120.

³⁸ GW XI, *Spirit. und Mat.*, p. 124.

³⁹ GW XI, *Spirit. und Mat.*, p. 121.

antropológica se expressa na ideia de que apenas aquilo que passa pelo coração e pelo cérebro pode se transformar em sentimento e pensamento. O ser humano emerge da natureza, e a partir disso constrói um universo propriamente humano, mas no seio de sua determinação natural. O pressuposto de uma determinação natural é o cenário de acontecimentos da existência humana, cenário no qual Feuerbach tem como objeto o complexo de pensamentos e fantasias humanas.

A concepção materialista parece negar que a realidade humana possa se ampliar em formas próprias do saber, num saber que se desprende apenas teoricamente de sua realidade corporal. O pensamento é expressão corporal que, para seu desenvolvimento em termos conceituais, toma uma distância teórica das coisas. No entanto, a palavra expressa sua carga viva originada do corporal e sensível.

O cenário do filosofar se forma no horizonte de experiências sensíveis, mas o pensamento é determinado e determinável apenas através de si mesmo.⁴⁰ Ao homem é possível pensar fora do corpo, mas isso ocorre apenas em pensamento⁴¹. É como se o corpo tivesse uma faculdade que se distancia dele. O pensar é comparado às funções e seus órgãos, pois assim como o ver, que permite, através do olhar, se transferir (oticamente) para fora do corpo⁴², o pensamento também apresenta essa possibilidade de distanciamento das coisas.

Enquanto o pensar poderia ser compreendido como uma atividade originalmente de distanciamento, em Feuerbach parece assumir a função de reaproximação com sua origem ou fundamento. Significa adentrar a sensibilidade e retomar sua relação com o corpo. Quando o pensador afirma algo como “eu sou sem corpo”, significa apenas que não pensa no corpo.⁴³ O pensamento aparece como uma atividade de um órgão que está voltado para fora de si mesmo, a saber, o cérebro. O pensador afirma que o cérebro não existe para pensar a si, mas o que é objetivo.⁴⁴ Assim como o olho que vê não enxerga a si mesmo, o cérebro, no ato do pensamento, como fundamento e condição orgânica deste, não pode ser objeto da consciência.

45

Nessa ideia de que a base sensível e material é a condição e está na pré-história do pensamento e sua disposição epistemofílica, o desejo pelo conhecimento, Feuerbach concebe o cérebro como o lugar no qual se ascende a luz do conhecimento, e o coração como o cenário

⁴⁰ GW XI, *Spirit. und Mat.*, p. 123.

⁴¹ GW XI, *Spirit. und Mat.*, p. 123.

⁴² GW XI, *Spirit. und Mat.*, p. 123.

⁴³ GW XI, *Spirit. und Mat.*, p. 124.

⁴⁴ GW XI, *Spirit. und Mat.*, p. 124.

⁴⁵ GW XI, *Spirit. und Mat.*, p. 124.

no qual surge o fervor dos afetos.⁴⁶ Então, o pensamento é expressão da sensibilidade marcada pelo desejo de conhecimento. O conhecimento é um desejo humano. Uma concepção integral de ser humano passa pelo reconhecimento da impossibilidade de se traçar uma divisão, salvo virtualmente, entre atividade senciente e pensante.

A pré-história antropológica do discurso epistemológico

A disputa entre as concepções do espiritualismo e do materialismo pode revelar, mais que a expressão de uma perspectiva míope que encara esse conflito como um interesse puramente filosófico, uma característica psicológica do ser humano frente à necessidade de resolver a clássica querela acerca do dualismo de corpo e alma. A disputa teórica que origina tanto o materialismo quanto o espiritualismo impede um tipo de quadro teórico cooperativo que deveria formar uma concepção antropológica renovada como a de Feuerbach. O autor afirma que o debate teórico que se expressa nas formas do espiritualismo e do materialismo não passa de uma forma sintomática de um conflito que transcende o perímetro de atuações da filosofia. Trata-se de um conflito entre as faculdades médica e filosófica. Feuerbach procura apontar o filosofar como expressão da existência humana, em sua condição viva e natural. Assim, a base da filosofia é a ciência natural. É importante conhecer ou se interessar pelas condições materiais, naturais, vivas, desde as quais o pensamento emerge. O pensamento deve ser compreendido como afetado pelo mundo. A sombra do pensar recai sobre a natureza, assim como a sombra da natureza é o pensamento. O ser humano vive das sombras, ou seja, de sua orientação pelo universo simbólico do pensamento que tem suas raízes na sensibilidade. O pensar marca a fronteira entre o humano e o mundo à sua volta. Esse terreno é pré-conceitual e se mantém como raiz inominável do pensar que se desenvolve por conceitos, que, em infinitas variações possíveis, jamais reproduzem o sensível que pode ser pressuposto para além de palavras.

O interesse pela fisiologia e o recurso às antigas e modernas fontes médicas aproximam o pensamento feuerbachiano de uma fundamentação científica da filosofia, mas disso não resulta uma orientação positivista. Nas ciências naturais o autor buscava a convalidação de suas teses mediante seu método genético-crítico, para a desmistificação de ilusões religiosas ou espiritualistas, para indicar a gênese da motivação prática que a faz surgir.

Um objeto não é apenas a base da sensação, mas é também o pressuposto da própria

⁴⁶ GW XI, *Spirit. und Mat.*, p. 117.

sensação.⁴⁷ A identificação de um objeto pressupõe a presença de um sujeito do conhecimento. Então, há algo que antecede as múltiplas compreensões que estruturam as relações entre sujeito e objeto. É justamente nessa dimensão de pressuposto de sujeito e objeto que o corpo se instaura. Assim, a estrutura do discurso epistemológico pressupõe uma concepção antropológica. O conhecimento pode revelar as condições nas quais ele se dá.

O pensamento idealista parece restringir o corpo como objeto, restringindo sua visão nessa perspectiva. Feuerbach chama a atenção para a realidade corporal pressuposta em sua possibilidade expressiva objetual. Isso significa que o corpo tem uma dimensão anterior ao seu dimensionamento como objeto epistemológico. No idealismo o corpo é objeto da alma “apenas enquanto é objeto (*Gegenstand*), e não enquanto é, ao mesmo tempo, fundamento do querer e da consciência”. O filósofo ainda afirma que “assumimos a nosso objeto o corpo mediante um elemento corpóreo não objetual acerca de nós...”, e “percebemos o corpóreo que está diante de nossa consciência apenas mediante o corpóreo que está dentro dela”⁴⁸.

A concepção idealista de ser humano parece ter se difundido, na cultura moderna, como uma visão teórica que procura desvincular, das concepções de corpo e natureza, o ideal de humanidade. Assim, os corpos são representações, percepções, ideias ou complexos de tais coisas. Essa noção parece implicar a inexistência dos corpos físicos, formando uma perspectiva estreita que elimina a presença do que escapa à representação, de uma realidade estrangeira à razão. Entretanto, essa perspectiva de corpo como representação aponta para o que transcende os limites da razão. Um corpo não é tão somente a representação, mas a matéria estrangeira à própria representação, a base desde a qual uma representação é possível. A representação carrega o registro do que está além da racionalidade, além do pensamento. No corpo está inscrito o que escapa às representações, mas ao mesmo tempo, também a própria representação. Então o corpo é ao mesmo tempo a representação e sua não representação. O corpo pode emergir à consciência sem o necessário abandono de seu estado fundamental como presença daquilo que escapa ao pensamento.

O corpo emerge à consciência na forma de uma imagem ou fenômeno que carrega seu fundamento numênico, inominável, mas fundamentalmente pressuposto como condição de possibilidade de imagens, apontando para um âmbito que se projeta para fora de toda representação possível. O corpo deve ser reconhecido como algo que transcende a representação, mas é por ela apresentado. O corpo se mostra por aquilo que ele não é, mas é

⁴⁷ GW X, p. 220, 189.

⁴⁸ GW X, p. 194, 160.

através de sua expressão pelo que ele não é que se torna possível pensá-lo. A palavra não pode recriar as condições das coisas mesmas, nem reproduzir a intensidade de uma experiência sensível. Então poderíamos considerar que a força do pensamento feuerbachiano se dá em palavras por aproximações às coisas, um universo que está presente, inacessível conceitualmente, mas à mão sensivelmente. Toda palavra soa como uma cifra de algo com o qual não se confunde, ou ao menos não deveria se confundir.

A vocação fundamental de Feuerbach é tratar a vida como problema filosófico. Nesse sentido, filosofar é viver, é retornar às origens do próprio pensamento. “Viver, sentir, pensar é qualquer coisa de absolutamente original e genial, de inimitável, insubstituível, inalienável – é na verdade o que pode ser conhecido apenas através de si mesmo, mas não o absoluto mistificado e travestido dos filósofos e teólogos especulativos.”⁴⁹

⁴⁹ GW XI, *Spirit. und Mat.*, p. 126.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FEUERBACH, Ludwig. *Gesammelte Werke*. Hrsg. von Werner Schuffenhauer. Berlin: Akademie Verlag, 1967 ss.
- AMENGUAL, Gabriel. La filosofía como antropología. La visión integral del hombre como la visión integral de la filosofía, p. 41-50. In SERRÃO, Adriana Veríssimo (Org). *O homem integral*. Antropologia e utopia em Ludwig Feuerbach. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, s.d.
- BÜCHNER, Louis. *Kraft und Stoff*. Frankfurt a. M.: Verlag von Weidinger Sohn, 1856.
- CANZ, I. G. *Exercitationes Historico-Philosophicae de Immortalitate Animae*. Tübingen: Litteris Roebelianis, 1740.
- CASINI, Leonardo. *La riscoperta del corpo*. Schopenhauer, Feuerbach, Nietzsche. Roma: Edizioni Studium, 1990.
- CASTILLA y CORTÁZAR, Blanca. *La antropología de Feuerbach y sus claves*. Madrid: Ediciones Internacionales Universitarias, 1999.
- CESA, Cláudio. *Introduzione a Feuerbach*. Roma-Bari: Laterza, 2003.
- DESCARTES, R. *Meditações metafísicas*. São Paulo: Martins fontes, 2000.
- JAESCHKE, Walter. Humanität zwischen Spiritualismus und Materialismus, p. 51-63. In SERRÃO, Adriana Veríssimo (Org). *O homem integral*. Antropologia e utopia em Ludwig Feuerbach. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, s.d.
- KAMENKA, Eugene. *The philosophy of Ludwig Feuerbach*. London: Routledge & Kegan Paul, 1970. LANGE, F. A. *História do materialismo*. Vol. II. Trad. de Lôbo Vilela. Lisboa: Editorial Gleba, s.d. LEIBNIZ, G. W. *A monadologia e outros escritos*. Org. e trad. de Fernando Luiz Barreto Gallas e Souza. São Paulo: Hedra, 2009, p.55-67.
- LÖWITH, Karl. *Von Hegel zu Nietzsche*. Der revolutionäre Bruch im Denken des neunzehnten Jahrhunderts. Hamburg: Meiner, 1995.
- MOLESCHOTT, Jakob. *Lehre der Nahrungsmittel*. Für das Volk. Erlangen: Enke, 1850.
- . *Kreislauf des Lebens*. Mainz: Verlag von Victor v. Babern, 1852.
- PERONE, Ugo. *Invito al pensiero di Feuerbach*. Milano: Mursia, 1992.
- PLATÃO. *Fédon*. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1987.
- PLESSNER, H. *Lachen und weinen: eine Untersuchung nach den Grenzen menschlichen Verhaltens*. München: Leo Lehnen, 1950.
- RAWIDOWICZ, Simon. *Ludwig Feuerbachs Philosophie*. Ursprung und Schicksal. Zweite Auflage. Berlin: Walter de Gruyter & Co, 1964.
- SCHELER, Max. *Die Stellung des Menschen im Kosmos*. 7. Auflage. Bern: Francke, 1966.
- SCHMIDT, Alfred. *Feuerbach o la sensualidad emancipada*. Trad. de Julio Carabaña. Madrid: Taurus Ediciones, 1975.

SCHULZ, Walter. *El Dios de la metafísica moderna*. Trad. de Filadelfo Linares. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1961.

SERRÃO, A. V. *A humanidade da razão*. Ludwig Feuerbach e o projecto de uma antropologia integral. Braga: Fundação Calouste Gulbenkian, 1999. __. Feuerbach e a sensibilidade andrógina, p. 235-255. In SÖMMERING, S. T. *Über das Organ der Seele*. Königsberg: Friedrich Nicolovius, 1796.

STIRNER, Max. *O único e a sua propriedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

TOMÁS DE AQUINO, S. *Suma teológica*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2001.